

## Literatura “de urgência”: experiências de manicômio em L’altra verità. Diário di una diversa, de Alda Merini e Diário do hospício, de Lima Barreto, por Lucia Wataghin

Literatura Italiana Traduzida ISSN 2675-4363 ALDA MERINI LIMA BARRETO LUCIA WATAGHIN em março 12, 2021



Imagem: pxhere.com

Meu propósito é pensar em pontos de vista sobre experiências de “manicômio” de dois escritores de valor, que sofreram longas internações em instituições psiquiátricas, que denominaram, respectivamente, “manicômio” e “hospício”: a poeta Alda Merini (1931-2009), mulher, de condição socioeconômica modesta, na Milão dos anos sessenta e setenta, e o escritor Afonso Henrique de Lima Barreto (1881-1922), homem, negro, modesto amanuense na Secretaria da Guerra e jornalista na Rio de Janeiro do começo do século XX. Alda Merini foi internada pela primeira vez em 1965 no instituto Paolo Pini de Milão e sofreu internações por cerca de 14 anos (1965-1978), com diagnóstico de esquizofrenia; Lima Barreto foi internado nos anos 1917, 1918, 1919, 1920, no Hospital dos Alienados (“hospício”) do Rio de Janeiro, por delírios e alucinações devidos ao alcoolismo, e morreu em 1922. Os dois autores dedicaram especificamente a essas experiências textos narrativos de caráter diarístico, que pertencem a um gênero que definimos, com Luciana Hidalgo, “literatura da urgência”[1]: textos caracterizados pela urgência de situações de extremo sofrimento e dificuldade, que nascem em relação, ou como reação a essas condições; se encontram no limite entre documental e ficcional, e pela forte relação com experiências autobiográficas podem ser definidos autoficcionais, segundo uma formulação de Serge Doubrovsky. Não se quer aqui sugerir nenhuma relação entre a qualidade da obra literária e a doença mental e/ou a condição material de internação em hospitais psiquiátricos. Há muita autoconsciência e ironia seja em Merini, seja em Lima Barreto (“Cada poeta vende seus apuros [guai] melhores”, é um aforismo de Merini) e é verdade que, como disse Brodsky, mesmo nos casos de poetas que tiveram um “destino horroroso” (como ele mesmo, preso nos anos sessenta pelo regime soviético, e mantido inclusive em hospitais psiquiátricos), como os que tiveram o azar de nascer na Europa nos anos vinte e trinta, “a identidade de um poeta deve ser construída mais ao redor de estrofes que de catástrofes”[2]. Quero aqui apenas apontar para semelhanças e diferenças entre expressões literárias mais diretas das reações dos dois autores à violência da instituição e da doença, pensar em dois exemplos de escritas literárias de resistência ao mesmo tipo de situação-limite, indicar alguns dos temas que formam a rede de relações entre doença psíquica e experiência literária: da ideia da escrita como cuidado de si à oposição aos processos de despersonalização e aniquilação impostos às pacientes pela doença, os tratamentos médicos e as instituições, no âmbito da relação com as diversas autoridades: das instituições psiquiátricas, das leis, das famílias, do sistema social, da tradição.

Nesse limiar entre gêneros, encontramos muitos textos, diários, memórias, confissões: de Dostoevski a Lima Barreto, de Amelia Rosselli a Alda Merini, muitos autores se dedicaram a temas relacionados ao binômio literatura e instituições de reclusão, privativas de liberdade, como manicômio, cárcere, campos de prisão etc.: em *Memórias da Casa dos Mortos* (1861), Dostoiévski fala de seus quatro anos de reclusão na Sibéria, de 1850 a 1854, em campos de trabalho forçado, em que “quase todos os detentos falavam de noite e deliravam”[3], aludindo às relações de proximidade entre dor e doença mental; textos mais ou menos precisamente relacionados com o tema são também, de Amelia Rosselli, *Sanatorio* (1954), escrito durante a permanência no sanatório Bellevue na Suíça e *Storia di una malattia* (1977), documento-relato de delírios e perseguições, onde observamos limites sutis entre escrita literária e discurso delirante.

Os diários de manicômio de Merini e Lima Barreto apresentam características comuns: são autobiográficos, têm um claro compromisso com a busca da “verdade” dos fatos, têm ambição de sinceridade, intenção de testemunho e denúncia, são exemplos de escrita de resistência, exercício de fortalecimento do escritor contra a doença e contra as condições de vida nas instituições; por fim, tratam da angustiante relação com a autoridade. Os dois autores têm intenção de transformar experiências autobiográficas em literatura; no entanto, Merini publica seu diário diretamente como obra literária, enquanto para Lima Barreto o diário é um rascunho do romance, em que a experiência será filtrada novamente. O *Diário do hospício* é a base do romance, inacabado, *O cemitério dos vivos* (coincidência, por antítese, do título com o dostoiévskiano *Memórias da casa dos mortos*); inspirado pela leitura de *A China e os Chins* e pelas gravuras que encontra no livro *Recordações de viagem* de Henrique C. R. Lisboa (1888); em mérito, registra o significado da expressão “o cemitério dos vivos”: “Nas imediações da cidade, um lugar apropriado de domínio público era reservado aos indigentes que se sentiam morrer. Dava-se-lhes comida, roupa e o caixão fúnebre em que se deviam enterrar”[4].

Merini informa ter se inspirado, no seu *Diário di una diversa*, na *História de uma alma*, de Santa Teresa de Lisieux; no *Diário*, assim como na poesia, observamos uma forte conexão com experiências místicas e com os martírios cristãos; o manicômio é definido *terra santa*, onde “o martírio se tornava tão alto, a ponto de beirar o êxtase”, ao sair para um passeio, com outras internadas, tem uma “visão de Santa Teresinha que amava se definir ‘pequena andorinha de Deus’”, em outra ocasião, se vê como crucificada, vivendo a paixão de Cristo. Mas também declara: “Como disse, não escrevo essas coisas apenas para fazer delas um romance. Eu desejo que a doença mental seja finalmente desmistificada e reconduzida à sua verdadeira base, que é um distúrbio da emotividade”. E ainda, “O diário é uma obra lírica em prosa, mas é também uma exegese, uma imploração e a completa destruição de toda filosofia e de todo ato conceitual”; no segundo *post scriptum* às “Notas à margem”, escreve “Com este volume Alda Merini coloca à disposição dos outros suas experiências, para um profícuo êxito da psicanálise e para uma emancipação humanística da psiquiatria”.[5]

Os dois diários nos fornecem ao mesmo tempo autorretratos dos autores nessas situações e retratos das condições sociais, desfavorecida, feminina e negra, nos quais é central o tema da relação com a autoridade. As gravíssimas humilhações (em ambos, punições estarrecedoras, vergonha pela exposição da nudez em público, com conotações sexuais em Merini, porque os corpos nus são “deixados à mercê da obscena cobiça dos outros”), os sofrimentos de todos os tipos, o cotidiano de manicômio e hospício, as relações sociais, os fármacos, os pacientes, as enfermeiras (“seres desprovidos de qualquer sentimento humano”), a degradação dos corpos (“*bagno di pena*”, ou banho de punição) [6]; e a crueldade e a arrogância “clínica” dos médicos, que Lima Barreto discute e satiriza em vários pontos do diário, amargamente), a perda de “todo o direito sobre o (...) corpo – escreve Barreto – era assim como um cadáver de anfiteatro de anatomia”[7]. Ambos tratam o manicômio como inferno[8]; para o brasileiro, a loucura é pior que a morte: “Todos eles (os pacientes) estão na mão de um poder que é mais forte do que a Morte. A esta, dizem, vence o amor; a loucura, porém, nem ele”[9].

Há, certamente, uma tematização direta da relação com a autoridade, com diferentes níveis de articulação, de sofisticação, de cultura, e diferentes relações com a tradição, a sociedade culta e com a língua culta.

A relação com a tradição é tematizada diretamente por Merini, por exemplo, quando dedica uma poesia a Maria Corti, autoridade da crítica, afirmando seu valor como poeta, mas se autodefinindo “simples”:

A Maria Corti  
 Questa malagevole sorte  
 mi fa soffrire  
 perché non sono che una semplice  
 e la pazzia ahimè  
 è un albero troppo alto  
 perché possa toccarlo![10]

É uma declaração de humildade diante da sociedade culta, talvez, mas também diante do mistério da doença mental, e é, finalmente, uma afirmação de si. Lima Barreto tem consciência da sua superioridade intelectual, inclusive em relação às autoridades médicas e toda sua obra se coloca como afirmação e desafio às instituições. Diante das humilhações, lembra outros grandes humilhados da história da literatura e aposta no seu talento:

Voltei para o pátio. Que coisa, meu Deus! (...) Todos nós estávamos nus, as portas abertas, e eu tive muito pudor. Eu me lembrei do banho de vapor de Dostoiévski, na *Casa dos mortos*. Quando baldeci, chorei; mas lembrei de Cervantes, do próprio Dostoiévski, que pior deviam ter sofrido em Argel e na Sibéria. // Ah! A Literatura me mata ou me dá o que eu peço dela.[11]

Literatura ou morte, resgate pela literatura – a pergunta tem a ver com o lugar do intelectual e do artista no mundo:

em nenhuma carreira se enriquece ou mesmo se sobe em honraria, sem ter nascimento ou fortuna, ou senão empregando muita abdicação de suas opiniões, ou – o que é pior - perdendo muito de sua autonomia e independência intelectual na gratidão por seu protetor.[12]

A pressão das condições econômicas e sociais é tão grande que o escritor precisa se perguntar se com todo o seu imenso talento e sua obra, pode conseguir um lugar no mundo, viver e escrever, ou se deve viver nas piores condições e morrer miserável e desclassificado.

Em ambos os diários, reconhecemos elementos presentes na inteira obra desses dois autores: misticismo, erotismo, desvelamento da intimidade em Alda Merini, análise social e histórica, racionalismo, resguardo da intimidade pessoal em Lima Barreto.

Mais notáveis ainda talvez sejam as diferentes considerações sobre o mistério da loucura: Lima Barreto demonstra angústia e preocupação, mas contesta as teorias positivistas que atribuíam a doença a taras, hereditariedade; ele não tem doença mental, é alcoolista; tem horror da doença, mas não se considera louco (“De mim para mim, tenho certeza que não sou louco”, escreve, nas primeiras páginas do *Diário*), dos companheiros de sofrimento, no hospício, diz: “eu passo e passo por eles como um ser vivente entre sombras”. Afirma: “Não há dinheiro que evite a Morte, quando ela tenha de vir; e não há dinheiro nem poder que arbete um homem da loucura”; observa, no hospício, “o horror misterioso da loucura”, “a mais triste melódia da humanidade”, “o espetáculo da loucura, (...) dos mais dolorosos e tristes espetáculos que se pode oferecer a quem ligeiramente meditar sobre ele”, “a loucura, a degradação humana – horror desse espetáculo”[13]; faz perguntas como homem racional e crítica a psiquiatria, os preconceitos, a ignorância dos médicos, das instituições e do senso comum.

Alda Merini indaga os mistérios da doença mental, detém-se na ideia das revelações oferecidas pela doença e, em versos notáveis, por “quel vecchio infinito manicomio / che è l’ospedale della gente ignuda”.[14]

Num poema enigmático, interroga o manicômio:

Il manicomio è una grande cassa di risonanza  
 e il delirio diventa eco  
 l’anonimità misura,  
 il manicomio è il monte Sinai,  
 maledetto, su cui tu ricevi  
 le tavole di una legge  
 agli uomini sconosciuta.[15]

A escrita é sim testemunho, cuidado de si e resistência, mas é também o lugar onde se espera uma revelação, porque a experiência do manicômio é reveladora; no manicômio se recebe ao mesmo tempo a lei do encarceramento e a lei, aos homens desconhecida, da doença.

Como citar: WATAGHIN, Lucia. “Literatura ‘de urgência’: experiências de manicômio em L’altra verità. Diário di una diversa, de Alda Merini e Diário do hospício, de Lima Barreto”, v. 2, n. 3, mar. 2021. Disponível em:

[1] HIDALGO, Luciana. *Literatura da urgência. Lima Barreto no domínio da loucura*. São Paulo: Anablume, 2008.  
 [2] BRODSKY, Joseph. *A musa em exílio*. HAVEN, Cynthia L. (org.). Trad. Diogo Rosas G. Belo Horizonte/Veneza: Ed. Ayiné, 2018, p. 174.  
 [3] DOSTOEVSKIJ, Fëdor. *Memorie dalla casa dei morti*. Trad. Enrichetta Carafa d’Andria. Roma: Biblioteca Economica Newton, 1995, p. 29. (Tradução minha)  
 [4] LIMA BARRETO. *Diário do hospício. O cemitério dos vivos*. MASSI, Augusto e MOURA, Murilo Marcondes (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 169.  
 [5] MERINI, Alda. *L’altra verità. Diário di una diversa*. Milão: BUR, 1997, pp. 106, 107, 66, 120, 133, 145 (traduções minhas).  
 [6] Idem, pp. 95, 30, 38.  
 [7] LIMA BARRETO, *op. cit.*, p. 194  
 [8] LIMA BARRETO, *op. cit.*, p. 41; MERINI, Alda, *op. cit.*, pp. 37, 100.  
 [9] LIMA BARRETO, *op. cit.*, p. 74.  
 [10] MERINI, Alda. *Il suono dell’ombra*. Poesie e prose 1953-2009. BORSANI, Ambrogio (org.). Milão: Mondadori, 2010, p. 281. (A Maria Corti. ... Essa árvore sorte / me faz sofrer / porque sou apenas simples / e a loucura, ai de mim, é uma árvore demasiado alta / para que eu possa tocá-la!). Tradução minha.  
 [11] LIMA BARRETO, *op. cit.*, p. 36.  
 [12] Idem, p. 123.  
 [13] Ibidem, p. 34, 47, 74, 167, 175, 162, 104.  
 [14] MERINI, Alda. *Il suono dell’ombra, op. cit.*, p. 550 (daquele velho infinito manicômio / que é o hospital da gente nua”). Tradução minha.  
 [15] Idem, p. 204 (O manicômio é uma grande caixa de ressonância / e o delírio se torna eco / a unanimidade medida, / o manicômio é o monte Sinai, / maldito, em que recebes / as tábuas de uma lei / aos homens desconhecida). Tradução minha.

